



A um palmo da morte

Surpreendidos por súbita tempestade, os dois alpinistas ficaram empoleirados sobre estreita saliência a 650 metros de altura, numa vertente quase a pique do penhasco alpino

JOHN G. FULLER

A NEVE começou a cair na tarde de 22 de agosto de 1975. Vinda do norte, a tempestade atravessou os Alpes, parecendo não ligar muita importância ao calendário. Para os turistas que estavam no vale suíço de Bergell, esse temporal fora de época era apenas um contratempo, mas para Philippe Berclaz e Philippe Héri-tier, que escalavam a vertente nordeste de Piz Badile, quase vertical, com 3.308 metros de altura, era um dilema crítico.

Os dois Philippes, ambos com vinte e poucos anos e em excelentes condições físicas, estavam em treinamento para se tornarem guias profissionais. Antes de tentarem escalar o Piz Badile, que se eleva em direção ao céu como um gigantesco dente de tubarão, afiada lâmina separando a Suíça da Itália, eles haviam estudado cuidadosamente a montanha e ouvido as previsões meteorológicas. Quando se puseram a caminho, o dia parecia quase perfeito. Tinham subido a clássica encosta alpina (classificada de «muito difícil» pelos alpinistas) em pouco tempo, utilizando habilmente os grampos de montanha já cravados na rocha por alpinistas anteriores, e elevando-se lentamente pela parede granítica como duas moscas.

As nuvens começaram então a adensar-se, provocando chuva e vento forte. No entanto, mesmo com o tempo piorando, parecia mais sensato prosseguir até o cume, agora a cerca de 150 metros apenas. Foi uma trágica decisão, porque, de repente, viram-se mergulhados na neve, que lhes fustigava o rosto, aderiu rapidamente à superfície molhada da rocha e cobria as fendas e saliências de que eles necessitavam para subir. Em tais circunstâncias, tornava-se impossível continuar, mas o retorno também era inviável.

Héritier tomou a única resolução possível: com Berclaz mais acima, para ir-lhe soltando a corda, ele pôs-se a resvalar pela

superfície escorregadia, na tentativa de encontrar na rocha algum abrigo onde pudessem passar a noite. Balançando como um pêndulo na extremidade de uma corda de 40 metros, perscrutando através da violenta nevasca que o açoitava, localizou uma saliência à sua esquerda. Enterrou então a biqueira das botas na rocha, arrastou-se como um caranguejo e conseguiu chegar lá. O parapeito era tão escasso que suas pernas ficaram suspensas da borda, mas era a única coisa que existia. Héritier cravou rapidamente um pitão na rocha que lhe ficava por cima, fixou nele a corda e fez sinal a seu amigo.

Berclaz iniciou a descida. Subitamente, escorregou e perdeu o controle. Horrorizado, Héritier viu seu companheiro mergulhar 40 metros no abismo, até a corda esticar-se num tranco, que o pitão agüentou. Héritier ajudou-o a subir ao parapeito, mas ambos estavam bastante abalados.

COSTAS com costas, meio de lado, ficaram sentados na saliência absurdamente estreita, com as pernas penduradas sobre um abismo a pique de 650 metros espreitando lá embaixo.

A neve não parou de castigá-los uma hora, penetrando nos seus casacos forrados e empurrando-os para a beira do abismo. Pela manhã, as dores provocadas pelo frio eram insuportáveis. Para não ficarem gelados, podiam apenas mexer as pontas dos pés; qual-

quer movimento mais acentuado faria com que caíssem daquele po-leiro.

O segundo dia não trouxe qual-quer alteração ao inferno daquela prisão minúscula. A visibilidade continuava nula e, quando grita-vam por socorro, apenas o vento respondia. Suas esperanças iam-se extinguindo.

Somente às três da tarde do ter-ceiro dia o céu se abriu um pouco, e, por breves instantes, o vale lá embaixo ficou visível. Descortina-ram ao longe um grupo de excur-sionistas. Gritaram e assobiaram com renovada energia, até que as nuvens mais uma vez encobriram o vale. Os dois alpinistas não po-diam saber que haviam sido locali-zados.

Seus gritos, no entanto, foram ouvidos a 1.400 metros abaixo do local onde se encontravam. Dois turistas alemães comunicaram ter ouvido pedidos de socorro que provinham da vertente nordeste. O Corpo de Salvamento Aéreo, organização de voluntários suíça encarregada de casos de emergên-cia, foi avisada por telefone. Nesse dia, contudo, nada se pôde fazer, pois já estava anoitecendo e o ne-voeiro cobria completamente o Piz Badile.

Às sete da manhã do dia se-guinte, Beat Perren, chefe da Air Zermatt, firma comercial de heli-cópteros, recebeu uma chamada telefônica do Corpo de Salva-mento Aéreo. Poder-se-ia utilizar seu potente helicóptero Lama,

equipado com guincho, no salva-mento? Perren, homem dinâmico, de cabelos grisalhos e com qua-renta e tantos anos, respondeu in-continenti que sim. Passados pou-cos minutos, acordou Siegfried Stangier, piloto alemão de 35 anos, com 6.500 horas de vôo em helicóptero já em sua folha de ser-viços e uma longa experiência de salvamentos na montanha. Em uma hora, fizeram os 150 quilô-metros até o Piz Badile.

HÉRITIER e Berclaz nada sabiam dos esforços que estavam sendo feitos para seu salvamento, quando a madrugada do quarto dia despontou. O tempo melho-rara ligeiramente, mas a neve ainda lhes bloqueava o caminho, para cima e para baixo. Berclaz perguntava a si mesmo quanto tempo mais poderia resistir, quando viu um helicóptero (um ponto minúsculo à distância) voando ao longo do vale. Os dois Philippes ergueram os braços fa-zendo o sinal internacional de pe-rigo.

Stangier também os localizou, duas manchas na vertente branca, e aproximou-se para avaliar a si-tuação. Verificou que teria de se acercar perigosamente da superfí-cie do Piz Badile, para poder lan-çar um cabo de 45 metros. Nesse momento, a cauda do helicóptero já saltava para frente e para trás, empurrada pelo vento. Uma ra-jada súbita poderia provocar o choque da hélice de mais de dez



W. FRIEDLI

Vertente nordeste de Piz Badile, vendo-se em cima, à direita, a mais alta e abrupta escarpa granítica da Europa

metros com a montanha, arrastando-os para a morte.

Stangier e Perren resolveram descer ao vale, para buscar alimentos, roupas e um *walkie-talkie*, que levariam aos dois alpinistas. Isso iria levantar-lhes o ânimo e dar-lhes mais tempo para planejar. Pousaram em Bondo, uma aldeia à beira da estrada entre St. Moritz

e a fronteira italiana. Preparou-se uma bolsa com agasalhos, balas vitaminadas, carne desidratada e chá quente.

Regressando ao Piz Badile, Perren começou a descer o cabo com a bolsa na extremidade. Pendurado à bolsa ia um *walkie-talkie*, para transmitir a mensagem: «Não pulem para agarrar o cabo! Vamos conversar primeiro.» O helicóptero vibrava e saltava nas constantes correntes de vento. Para se colocar por cima dos dois homens encurralados, Stangier tinha de se aproximar tanto que deixava de vê-los sob o helicóptero. Perren, debruçado para fora do aparelho e observando as oscilações do cabo, gritava instruções pelo intercomunicador: «Mais à frente... boa altitude... cinco metros para a esquerda.»

Cerca de 50 metros abaixo do aparelho, que guinava e saltava, Hérítier e Berclaz viam o cabo aproximar-se. Por fim, a bolsa e o rádio bateram ligeiramente na rocha ao lado deles. Rapidamente agarraram o pacote, e o helicóptero afastou-se.

Passados instantes, estavam em contato com Stangier através do rádio. Hérítier informou que, de modo geral, se encontravam bem, e se sentiam suficientemente fortes para se fixarem ao cabo. Enquanto falavam, o tempo piorou. Todos sabiam que, sob tais condições atmosféricas, o salvamento era impossível. O helicóptero afastou-se novamente.

No refúgio de Sciora, um abrigo rochoso no planalto sobranceiro a Bondo, Stangier avaliou os riscos da operação. Os ventos fortes, soprando na mesma direção do empuxo que provocaria o peso suplementar de um alpinista recolhido na extremidade do cabo, representavam um perigo extremo. Quatro mortos valeriam duas vidas? Stangier, então, lembrou-se de compensar esse empuxo extra, colocando algumas pedras sobre a superfície metálica do esqui de aterragem do lado oposto ao guincho do helicóptero.

ÀS SEIS horas dessa tarde, inesperadamente, as nuvens se dissiparam. Em poucos minutos, Stangier e Perren tinham o helicóptero no ar. Perren deu instruções pelo rádio aos sinistrados. Só conseguiria recolher um de cada vez, e este devia estar livre do gancho que o prendia à rocha. A presilha de sua roupa de alpinista devia estar pronta, para prender-se ao fecho de segurança do cabo.

Cautelosamente, Stangier aproximou o helicóptero do penhasco, até que a extremidade da hélice ficou girando a oito metros da parede rochosa. O cabo estava quase no local exato, quando, inesperadamente, o aparelho foi envolvido por uma nuvem opaca que surgiu pela retaguarda. Stangier baixou, afastou-se voando em círculo e voltou mais uma vez. Tirou as luvas para ter mais sensibilidade na alavanca de comando. Em poucos

minutos, suas mãos ficaram geladas – mas ele não se esquecia de que os outros há quatro dias estavam suportando um frio glacial.

Na montanha, ficara decidido que Berclaz seria o primeiro a ser recolhido. Ele já se soltara da rocha. Encostado à parede, segurou firmemente Hérítier (ainda preso ao pitão) pela cintura, para que este pudesse debruçar-se e agarrar o cabo. Logo que Hérítier o conseguiu, Stangier começou lentamente a subir e a afastar o helicóptero da perigosa superfície rochosa. Os alpinistas dispunham de alguns segundos apenas, antes que o cabo ficasse esticado – mas o fecho de mola enguiçara. Em desespero, Hérítier, com os dedos dormentes pelo gelo, tentou abri-lo. Conseguiu no último instante. Fechou o dispositivo do equipamento do seu amigo, e Berclaz foi levado pelos ares. Hérítier, arrastado para fora do parapeito, ficou balouçando suspenso do cabo que o ligava ao pitão, até que, com dificuldade, subiu outra vez à saliência rochosa.

Stangier lutou com a alavanca de comando, quando sentiu o peso suplementar no cabo. Depois, afastou-se em segurança com Berclaz balouçando no ar. Passados minutos, no refúgio de Sciora, mãos prestativas ajudaram Berclaz a chegar ao solo.

AGORA, sozinho na montanha, Hérítier preparou-se para uma quarta noite na vertente. O crepúsculo

não tardava, e ele sabia que os riscos aumentavam. Se o helicóptero voltasse, ele tinha de estar pronto. O mais difícil seria ficar solto da montanha. Isso teria de ser feito antes de tocar no cabo – e agora não havia ninguém para ajudá-lo. O salvamento de seu amigo fora um milagre. Seria possível haver dois milagres? Hérítier preocupava-se tanto com os tripulantes do helicóptero como consigo próprio. O feito por eles realizado podia ser considerado sobre-humano.

Decorrido pouco tempo, Hérítier viu o Lama deslocar-se em sua direção com o cabo pendurado. Verificou seu equipamento. Então, enfrentando o vento gélido, soltou-se do pitão. Agora, um movimento em falso ou uma escorregadela... e tudo terminaria.

O helicóptero aproximou-se. O piloto tentou colocar o cabo diretamente no parapeito, mas falhou. Hérítier repetia mentalmente: «*Não devo inclinar-me, para apanhar o cabo.*» O helicóptero descreveu um círculo, voltou... e, por duas vezes, falhou novamente. Enquanto aguardava, Hérítier estava consciente do gelo escorregadio sob as botas enregeladas.

Na quarta tentativa, o cabo atingiu o alvo. O helicóptero pairou no vento inconstante durante alguns segundos, trepidando, para vencer as correntes ascendentes, antes de se afastar lentamente. Hérítier procurou o gancho, ouviu o reconfortante clique do fecho, e sentiu-se levado pelos ares sobre a geleira, vogando ao vento, ainda entorpecido pelo frio, mas salvo.



NO JAPÃO, escrever uma carta é coisa que ainda obedece a regras muito convencionais. Uma carta comercial pode começar assim: «Agora que a primavera está prometendo chegar e que já se vislumbram os primeiros botões de flores de cerejeira despontando nas colinas da montanha, embora hesitemos em interromper seu horário tão ocupado e sabendo que o senhor deve estar atarefado com mui dignos empreendimentos, a necessidade nos obriga a lembrar-lhe que o débito de sua firma... etc.»

– Frank Gibney, em *Encounter*, Inglaterra

A FIM DE SE inteirar de como a fragata *Eurydice*, afundada ao largo de Portsmouth, Inglaterra, tinha sido salva, a Rainha Vitória convidou o Almirante Foley para almoçar. Depois de esgotado esse monótono assunto, a rainha indagou como ia sua grande amiga, a irmã do almirante. Como era meio surdo, Foley respondeu com sua voz estentórea: «Bem, Majestade, vou mandar virá-la, inspecionar-lhe bem o fundo e, depois, mandar raspá-la muito bem raspada.»

A rainha largou o talher, escondeu o rosto num lenço e riu até as lágrimas.

– Virginia Cowles, em *The Kaiser*